

I INTRODUÇÃO

O ato de leitura admite hoje, várias considerações entre elas, as que nenhum equipamento substitui a leitura, mesmo numa época em que proliferam os recursos audiovisuais, máquinas ou novas metodologias de ensino, poucas são as escolas que tem acesso a todos esses mecanismos de melhoria da educação, por esse motivo o desenvolvimento de habilidades de leitura precisa está em consonância com a vida cotidiana do aluno, significa dizer que os textos trabalhados em sala de aula precisam ter um valor social, isto é, um propósito bem definido, um leitor e um destino.

Pessoas de qualquer idade com pouco ou nenhum contato com a leitura se passar a tê-lo poderão desenvolver o gosto pela leitura e tornar-se leitores, é evidente que a leitura nem sempre é um ato agradável, nem sempre é um prazer. No entanto, a ideia da leitura como uma obrigação e associada à ideia de agradável: sempre estiveram presentes, por muito tempo, em nossas orientações acadêmicas, seja pelo conteúdo, seja pela forma do texto, seja pelas habilidades requeridas (atenção, concentração, acuidade, perseverança etc.), seja pelo nosso momento pessoal (emocional), seja pelos interesses que nos motivam. Contudo, a leitura está a serviço da comunicação entre as pessoas que se comunicam, em um primeiro plano, por meio de unidades de sentido pertinentes aos contextos de comunicação. A unidade de sentido mais concreta, do ponto de vista social, é o texto, e o texto, então, é aqui concebido como uma unidade de sentido composta de escolhas que fazemos para nos comunicarmos adequadamente no contexto em que nos encontramos.

Contudo, agradável ou não, prazerosa ou não, confortável ou não, é necessária, é indispensável, quando se trata de aprendizagem, e aprendizagem em qualquer nível, ou seja, do ensino básico à graduação, e em quaisquer circunstâncias, na escola ou fora dela, em grupo ou sozinho. Enfim, a leitura é parte essencial do trabalho, do empenho, da perseverança, da dedicação em aprender, até o fim de nossas vidas, visto que a leitura é uma constante no processo de ensino e aprendizagem.

Nesse sentido, a leitura torna-se necessária e indispensável em nossas vidas, mas todos sabem que aprendemos mais rapidamente e melhor quando

nossas necessidades estão claras e quando vemos sentido no que estamos aprendendo.

Partindo desse pressuposto optou-se em abordar a leitura como tema central deste trabalho, objetivando estabelecer um diagnóstico da situação do emprego de textos em sala de aula, a fim de verificar por meio de canções do compositor Renato Russo se os educandos do Ensino Fundamental conseguem relacionar a letra das canções a fatos do cotidiano, compreender a realidade, intertextualizar e/ou (re) construir o texto a partir da visão exposta pelo autor.

Optou-se pela Escola Estadual de Educação Popular Paulo Freire por esta atender a um público variado: adolescentes, jovens e adultos, e dessa forma as dificuldades de se trabalhar os textos seriam pequenas, pois suas contribuições se completariam, através de suas experiências e vivências.

A produção deste trabalho está estruturada em quatro capítulos. O primeiro capítulo versa sobre as concepções de literatura, apoiado no teórico literário Massaud e inspirado na visão democrática de leitura de Lajolo. Na sequência discute-se o que é Paraliteratura. Logo após, enfatiza-se o uso da canção como recurso do processo de ensino e para encerrar o capítulo é trabalhado os conceitos de leitura, onde o social e a relação educadores e educando são discutidos com auxílio de Freire (2003), Abreu (2000), Goulemot (1996) e Lajolo (1995 e 2004). No capítulo dois faz-se um breve comentário sobre a vida do compositor Renato Russo, pois as letras de suas canções são utilizadas como o recurso para o desenvolvimento da pesquisa.

No capítulo três, as considerações metodológicas traçando toda a ação teórica e prática da pesquisa, bem como um histórico sobre a instituição de ensino pesquisada e os recursos utilizados para nortear a pesquisa. Finalizando, tem-se o quarto capítulo a partir da análise dos resultados, da reflexão feita e da interpretação realizada pelos alunos das letras das canções de Renato Russo.

II AS CONCEPÇÕES SOBRE LITERATURA

Observa-se que em diferentes momentos da história as palavras literatura e linguagem (língua escrita) se entrelaçam pela estreita relação da palavra literatura e a noção de linguagem, ou melhor, tanto a literatura quanto a linguagem são privilegiadas pela manifestação da escrita sobre a oral. Esta admissão fortifica a maneira de conceber raízes cultas e nobres a noção de literatura, pois nos usos que o homem faz da linguagem, em inúmeras situações, as palavras se tecem de forma a intensificar ou atenuar o relacionamento do homem com o mundo das coisas e quando essa manifestação é mais radical constitui literatura.

Verifica-se que a natureza última da linguagem (a literatura) aproxima o homem do aprendizado, diminuindo o espaço entre o literário e o não literário. É a relação que as palavras estabelecem como o contexto, com situação de produção e leitura que instaura a natureza literária de um texto. Segundo Lajolo (1995: 37) “o que torna qualquer linguagem isto ou aquilo é a situação de uso”.

A cerca do que foi expresso por Lajolo é preciso observar que além do trânsito livre entre o autor e o leitor, o texto literário precisa receber o aval dos canais competentes que são todas aquelas instâncias as quais cumpre referendar a literariedade da obra - tais como: os intelectuais, a crítica, a escola, a Academia Brasileira de Letras (ABL), aos quais compete o batismo de um texto como literário ou não literário. Portanto, para definir um texto como literário e caracterizá-lo como clássico terá o mesmo que ser julgado adequado por uma de estudantes, sendo útil na consecução dos objetivos escolares, visto que a escola também legitima uma obra, não só como boa ou má leitura, mas como literatura ou não literatura. Assim, nessas investidas é válido citar alguns critérios estabelecidos por alguns literatos no que tange à identificação de um texto literário ou não literário: o tipo de linguagem empregada, as intenções do escritor, os temas e assuntos de que trata a obra, a natureza do projeto do escritor, etc.

De conformidade com Massaud (1997: 20) o vocábulo *literatura* deriva de *littera*, a qual significa *o ensino das primeiras letras*. Então, observa-se que o termo *literatura* está associado à letra escrita e depois a impressa, deixando explícito que a literatura oral é transmissão de comunicação do texto literário escrito ou impresso.

Do ponto de vista semântico o vocábulo *literatura*, historicamente ganhou outros sentidos. Aguiar e Silva (1973: 23-28) esclarece a evolução semântica da

palavra *literatura* através dos tempos, assinalando que a partir segunda metade do século XVIII ocorre uma profunda evolução do termo *literatura*, ao invés de significar o saber, a cultura do homem letrado passa a significar a produção resultante dessas atividades específicas, ou seja, ganha caráter de conjunto de obras de um país.

Já por volta da penúltima década do século XVIII a palavra *literatura* integra um novo valor semântico, passando a designar o fenômeno literário em geral e não mais uma literatura nacional, ou seja, adquire a noção de criação estética como específica categoria intelectual e específica forma de conhecimento existente acerca de um determinado assunto. Mas essa abrangência está associada a forma estética da expressão verbal, oral ou escrita da manifestação artística, deixando de abranger as obras científicas.

Massaud (1997: 23) abre um parêntese para ampliar a concepção de literatura atentando para a evolução tecnológica que ampliou a noção de texto pondo ao alcance do público diversos recursos como slides, *posters* e gravações em CD, DVD, para leitura de poemas escritos. Desta forma permitindo ou pressupondo a leitura que é a condição básica para o processamento do texto literário. No entanto, Massaud atenta para outro fato, não procurar classificar todo texto escrito como obra literária, como foi considerado tempos passados, no qual tudo quanto ganhava letra de forma considerava-se como literário.

Assim, diz-se que tudo pode ser possível no mundo da literatura, como no da linguagem. O fato é que a literatura, realmente, cria e recria o mundo do possível. E é nessa mistura de movimento, visualidade e sonoridade, geralmente ausentes (ou apenas latentes) no texto escrito e no ato de criar e (re) criar que se manifesta dentre outros gêneros a música popular, vista como um dos refúgios contemporâneos da literatura ainda que esta admissão não seja tão tranqüila assim, o que nos remete nos dias atuais a textos paraliterários.

2.1 O QUE É PARALITERATURA?

Segundo Tortel (1979: 172) o termo paraliteratura é proposto para abarcar a enorme massa escrita reconhecidamente não literária. Costuma-se chamar paraliteratura aquelas obras que coexistem ao lado das obras consideradas literárias, como os livros escritos conforme o gosto de um grupo de leitores e, aparentemente, sem valor literário.

Sabe-se que nem todo texto cuidadosamente trabalhado é enquadrado como literatura em certa época, e que textos aparentemente considerados paraliterários são, depois, considerados literários. Isso acontece porque, às vezes, os leitores de uma época não conseguem compreender a novidade da obra no seu tempo. Então, como fazer para conhecer um texto paraliterário? Dentre outras formas Tortel (1979: 172) propõe conhecer dois grupos: o da *Paraliteratura de Imaginação* cujo poder de fascinação se exerce por meios pobres, através da linguagem mais esquemática e sumariamente possível, que é a linguagem da “má literatura”, a exemplo temos o romance popular, as teledramaturgias, as histórias em quadrinhos, o romance policial e a música popular. E o outro, o da *Paraliteratura Didática*, que agrupa todos os escritos intencionalmente antiliterários, cada um com seu estilo, sua maneira própria de falar com fim específico da comunicação interindividual ou social.

De acordo com Tortel (1979: 172) existem aspectos que podem diferenciar os textos literários dos paraliterários: por exemplo, com os textos paraliterários, mais especificamente no romance – os textos têm basicamente o mesmo enredo, são esquemáticos: a mocinha fica com o príncipe, o bem vence o mau, enfim, o mundo é idealizado, não existe espaço para crítica de uma situação adversa, estimula-se o conformismo, o leitor não é transformado pela obra. Nota-se ainda nesse tipo de obra a preocupação de utilizar aspectos temáticos da cultura popular, primando por uma linguagem simplificada. Também é comum usar da técnica da ancoragem da narrativa na realidade, para dar impressão de realidade, de acontecimento verdadeiro. Isso a Literatura também faz, mas parece que não usa essa técnica tão repetidamente como os romances sentimentais de banca de revista, por exemplo. Na verdade, não há como desvincular da Literatura todo o acervo da escritura de massa, devido à paraliteratura ainda não ser objeto de estudo específico, ou ainda, por não possuir características determinadas. Olhar a paraliteratura como algo em si, implica em concebê-la como um tipo particular de discurso, cuja especificidade deve ser buscada em função de uma tipologia geral dos discursos. Somente assim, poder-se-ia construir o objeto paraliterário, distinto de outro qualquer objeto de estudo.

Portanto, deve-se conceber a paraliteratura como veículo de comunicação e deve ser buscada exatamente naquilo que a separa da literatura e não naquilo em que dela se aproxima. É nesta perspectiva de movimento que as pesquisas atuais

vêm se desenvolvendo, ou seja, aqui o mais importante não é classificar este ou aquele texto como literário, mas muito, além disso, é a definição do estatuto do leitor como (re) criador de textos e da leitura como uma atividade de múltipla e aberta a uma infinidade de significados e sentidos.

Assim, esta pesquisa objetivou desenvolver atividades de leitura com textos considerados paraliterários, neste caso a canção, visando estimular os alunos a complementarem o interesse pela leitura, onde diferentes temáticas discursivas foram abordadas, não só no uso das estruturas elementares e intermediárias da língua, mas também, desenvolvendo e aperfeiçoando as competências literárias e discursivas, na medida em que permitiu ao leitor comparar e refletir sobre as peculiaridades dos textos utilizados na pesquisa como recurso didático-pedagógico, no processo de ensino aprendizagem de leitura.

2.2 A CANÇÃO COMO RECURSO NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM

As canções desde os gregos até nossos dias se tornaram canal de formação entre os homens, canções estas presentes na poesia. Segundo Silva (1979: 178): “toda uma geração de bons poetas escolhe a música popular e não o livro como canal de comunicação”, visto que, a voz opera, no ouvinte, um intenso poder de identificação entre quem canta e quem ouve, pois a palavra é considerada veículo precioso do social para o aprendizado sobre determinados assuntos, leis, costumes e etc.

Historicamente, por volta do século XIV, visto que a escrita ainda era pouco influente ao comportamento e ao pensamento dos homens devido à dificuldade do acesso de poucos, pois a sua maioria era analfabeta, as cantigas medievais formaram perfeita aliança entre os poetas e o público através da poesia, do canto e da dança. Para isso, faziam-se acompanhar de instrumentos de sopro, corda e percussão. Essas cantigas constituíam-se o gênero por excelência, a poética da época. E através dos tempos a canção não cessou como recurso no processo de ensino aprendizagem e vários textos foram musicados procurando fazer com que as palavras fossem capaz de evocar as mais diversas sensações.

Atualmente, há duas linhas distintas e contraditórias. De um lado a paraliteratura, referencial, linear, recheado de emoção fácil, do lugar comum e a

reduplicação dos padrões românticos. De outro lado, a literatura, a tensão verbal, o questionamento da sua própria significação, a criatividade. Com isso, verificou-se a riqueza no campo da oralidade literária, despertou estudos culturais neste campo, passando a incorporar textos advindos das canções ao campo da análise.

Portanto, foi através da poesia que nasceu essencialmente na Grécia Antiga a voz musicada, que durante toda a Idade Média manteve-se de forma incisiva e preponderante, para depois tornar-se entidade própria e requisitar a musicalidade em períodos vários até encontrar no Simbolismo o berço fértil para um reencontro musical. Em nosso país a Música Popular Brasileira (MPB) faz o retorno aos cantadores, com os trovadores modernos. Assim é que a temática filosófica, de preocupação moral, formadora, didática, à época platônica, volta-se para a cultura popular, as cantilenas religiosas, o amor cortês, para depois se envolver com o homem, a natureza, a beleza, a metafísica, e render-se novamente ao amor e os acontecimentos do cotidiano. A voz em presença é o sentido coletivo da oralidade e do desempenho (as canções) transmutam desde a Grécia, Idade Média, Renascimento, Simbolismo até épocas atuais. E sobre esse novo olhar que a relação entre os homens em sociedade é que cada época se formula através de uma linguagem, que busca ser a ressonância interna destes homens históricos, sincrônicos e diacrônicos, simultaneamente.

2.3 OS CONCEITOS DE LEITURA

Desde o início da escrita, pode-se observar que a leitura consiste em comunicar oralmente um texto escrito para uma pessoa. E quem lê permite a recepção dos preceitos de quem escreve, podendo questioná-los. Ou seja, a leitura consiste em compreender e interpretar por meio do conhecimento individual sobre o que foi escrito, eliminando dúvidas e proferindo tudo a cerca do que foi lido.

Quando inserida a prática de leitura em sala de aula sempre há uma preocupação com a opinião de críticos e/ou especialistas sobre o texto, porque existem posicionamentos desfavoráveis em relação aos escritores desconhecidos. Em suma, tais “críticos” colocam tudo que não é literatura pura (poesia ou prosa) como sublitteratura, ou como textos literários imperfeitos. Porém, raramente explica-se aos educandos que elas possuem uma literariedade e uma qualidade intrínsecas.

Portanto, uma visão ingênua faz acreditar que esses críticos, por uma sólida formação são os mais aptos a perceber a literariedade de um texto, considerando apenas suas características formais e de elaboração.

Quando não se conhece o criador de um texto seu valor poderá ser levado à desvalorização de produção, de mercado editorial, de convenções éticas e morais, dependendo da época. Mas quando se conhece quem é o autor e qual a opinião da crítica sobre seu trabalho, de certa forma, isso interfere no modo como se lê. (ABREU, 2000: 126)

E, reiterando um pouco mais esta concepção, observa-se que de maneira geral na cultura que produzimos, no interior do universo da leitura, assim como existem opiniões distintas na mesma proporção há leituras e gostos variados e dependendo do universo cultural é que se valida à distinta formação cultural. Até porque Abreu (2000: 129) postula que “há conclusões distintas daquelas que a escola e a teoria literária gostariam de encontrar”. Portanto, quando se tratar de leitura outros valores e concepções de beleza estética aparecerão distintamente daquela formalizada pela elite intelectual. Ou seja, no campo da leitura tanto a escola, quanto a universidade podem considerar livros de Paulo Coelho, Sidney Sheldon como desqualificados por questões sociais, estéticas, e outras, e junto com elas as histórias em quadrinhos, romances policiais e música popular brasileira sem ao menos procurar entender e aceitar que há leitores que gostam e aceitam estas leituras do ponto de vista literário.

O ideal seria lançar mão dessas produções e permitir ao leitor a possibilidade de desenvolver o gosto por outras leituras consideradas clássicas, ou seja, o simples fato de criticar ou desconsiderar uma obra “rotulada” socialmente pode levar o leitor a afastar-se cada vez mais do universo da leitura. Dessa maneira, e permitindo diversidades de leitura, pode-se perceber e constituir ainda mais as incompletudes que cada leitura trás, porque por sua natureza o texto não é totalmente acabado, principalmente, em si tratando de leitura. Abreu (2000: 132) sugere “abrir mão da tarefa de julgar e hierarquizar o conjunto dos textos e nos contentar e compreendê-los dentro do sistema de valores em que foram criados”, procurando validar que não existe leitura ingênua ou pré-cultural, sem nenhuma referência exterior a ela, mas sim procurar entender quais são os mecanismos de conotação que cada leitura produz em cada leitor, considerar que a leitura é sempre produção de sentido, e não piores ou melhores.

Em si tratando de leitura é muito importante colocarmos que ler é por um sentido geral, constituir, revelar as várias interpretações do texto literário, e não encontrar o sentido empregado pelo autor, por que no tocante ao texto um fato é preciso, ele sempre estará aberto a significações de uma comunicação particular e peculiar de quem de se apropria. E como um texto literário é polissêmico, cabe persistir que ele constitui um dos termos essenciais do processo de aprovação e de troca que é a leitura.

Goulemot (1996: 108) propõe descrever o leitor e a situação de leitura, que chama de *fora-do-texto*. Ou seja, em relação ao texto, Goulemot definiu o leitor por uma fisiologia, uma história e uma biblioteca. Assim, o sentido constituído pela leitura nasce do trabalho que esses termos operam além do sentido das palavras, do agrupamento de frases, sobre o texto.

Goulemot (1996: 108-110) comenta que existe em toda leitura uma posição (atitude) do corpo e uma disposição pessoal de cada leitor. Há uma dialética inscrita na história do corpo e do livro. Ou seja, para cada livro (leitura) uma atitude (posição) de leitor. A possibilidade de constituir sentido – ler – dá-se por meio dessas atitudes de leitor. Com efeito, inversamente, segundo o autor, o livro dá a posição e o lugar da leitura. A esse aspecto procurou chamar de *fisiologia*.

Por outro lado, o *fora-do-texto* também é uma *história* coletiva e pessoal. É pessoal, quando nos liga ao contemporâneo e constitui nossa marca. Neste sentido, segundo o autor é o cultural que ordena o que acreditamos pertencer a uma singularidade extrema – o que evidencia, em grande parte, que, aquilo que construímos como nossa história pessoal, pertença, em boa parte de seus aspectos, a uma narração cultural – a história política e social, que, sem que sejamos seus autores, trabalha aquilo que nós lemos. De acordo com autor, a história orienta mais nossas leituras do que nossas opções políticas.

Consequentemente, há no processo de leitura, uma história contemporânea e uma história mítica – uma história fundamental – da qual, segundo Goulemot não fomos testemunhas, que se reduz a alguns acontecimentos dos quais nos sentimos herdeiros, porque participam do nosso ato de ler e moldam toda leitura. Com isso, constata-se como formas de *história*, no *fora-do-texto*, variáveis constituídas pela historicidade, a memorização histórica. A compreensão de tais aspectos, na leitura, pode redundar na reconstrução de memórias históricas. A comparação é o tempo

primeiro da *intertextualidade* que fundamenta a leitura. Depois de feita a comparação, opera a constituição do sentido e é bastante certo que seja de sentidos já adquiridos que nasça o sentido a ser adquirido. Não há jamais compreensão autônoma, sentida e constituída, imposto pelo livro em leitura. A *biblioteca* serve tanto para escrever quanto para ler.

A leitura de mundo e da palavra está dinamicamente junto e é imprescindível que se possibilitem meios eficazes de incentivo a leitura, para que esta deixe de ser vista como uma obrigação e passe a se tornar algo agradável, pois para que se chegue a uma leitura mais crítica (da palavra) é preciso que se parta do menos crítico (de mundo) para que assim se possa chegar à tão esperada percepção crítica, interpretação e reescrita do lido. Então é válido adotamos a concepção de Freire que diz (2003: 13), “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele”.

Para o referido autor, leitura boa é a leitura que nos impulsiona para a vida, que nos leva para dentro do mundo que nos interessa viver. Ler é uma forma de estar no mundo em que vivemos. Porém, a leitura mais complexa, a leitura das letras, essa não se aprende sozinho, pois representa o domínio de uma modalidade da linguagem verbal, por meio da qual o imenso e variado mundo das letras e da escrita passa a fazer parte do nosso mundo. Daí, a importância da leitura do mundo e de suas diferentes linguagens.

Desse modo, embora já tenha sido considerada durante muito tempo como um simples meio de receber uma mensagem importante, é preciso que o leitor perceba que só a prática da leitura faz com que esta seja cada vez melhor, e só assim que o ato de ler, de interpretar se torna realmente uma ferramenta eficaz para o melhoramento ou aperfeiçoamento a cerca do conhecimento que se tem.

A leitura é uma forma exemplar de aprendizagem, é um meio mais de desenvolvimento da linguagem. No entanto, para se atingir o objetivo do ensino da leitura, desenvolver o gosto literário, a capacidade crítica, é necessário que o leitor desperte em si o interesse. Para isso, a leitura tem que ser cada vez mais incentivada, visto que cada leitor lê de modo diferente e extrai do livro o que corresponde aos seus interesses. Portanto, só após a percepção dos benefícios proporcionados pela leitura é que o ato de ler ganha status de hábito.

É importante ressaltar que o desenvolvimento de interesses e práticas permanentes de leitura é um processo constante, que começa em casa, aperfeiçoa-se na escola e continua pela vida afora, através das influências culturais e dos esforços no âmbito educacional. Os fatores decisivos nesse processo são os prazeres proporcionados pelos livros que começa a ser experimentado em idade pré-escolar e o ensino da leitura, acompanhado pelas múltiplas possibilidades e necessidades que levem ao encorajamento de toda e qualquer motivação possível para ler.

Claro que as condições necessárias ao desenvolvimento de práticas positivas de leitura incluem oportunidades para ler de todas as formas possíveis, através de vários métodos e medidas especiais tais como a leitura na sala de aula, leitura e discussão em grupo, leitura individualizada, etc. O que deve ser evitado a qualquer custo é que a leitura se transforme em rotina mecânica, pois desta forma, esta perde sua função de estímulo intelectual e emocional, tornando-se algo enfadonho, impedindo desta forma, que haja uma reflexão crítica, levando os “leitores” a simples aceitação de argumentos e situações.

Desta forma, pode-se considerar a leitura como um processo amplo de compreensão do mundo, através da decodificação de todo o tipo de texto e linguagem e do saber que é socialmente acumulado através dos textos, saber este que é transmitido através da linguagem verbal ou escrita. Ou seja, tem-se um leitor capaz de interpretar os textos que lê, mas para que se chegue a essa leitura, visto que a função primordial desta é a transmissão do saber acumulado pelo homem, a escola deve ter um grande acervo aberto a todos, pois cabe a ela ocupar este grande vazio cultural.

A escola como um todo, pode dar parâmetros para o desenvolvimento da capacidade e gosto pela leitura, já que sua função é transmitir, para as gerações mais novas do saber acumulado pelo homem e essa transmissão se processa quase que exclusivamente através do livro. A leitura é para o homem um instrumento de compreensão e análise de seu mundo. Pois, lê-se na escola para buscar informações, para ampliar a visão de mundo, para produzir outros textos e para recrear; e para que isto realmente aconteça é preciso acima de tudo que o diálogo entre texto e leitor se processe do mundo mais natural possível e assim realmente se aprenderá a ler lendo.

O profissional da educação deve ter na leitura a sua principal ferramenta de trabalho, para que este possa incentivar às pessoas a buscarem, no que lêem, informações específicas sobre determinado assunto, para tirar dúvidas, para ampliar suas informações e com elas enriquecer sua visão de mundo, para se divertir e realmente produzir ou reproduzir outros textos.

Na verdade, Lajolo (2004: 108) procurou definir a leitura como um ato que nasce do prazer aliado à liberdade que o educando tem para escolher a leitura que decide fazer, e não obrigar que toda uma classe leia um mesmo livro. Assim, os pontos até o momento levantados se afirmam com a concepção de Lajolo:

Lê-se para entender o mundo, para viver melhor. Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela. (LAJOLO, 2004: 09)

Ou seja, é pelo contato e exploração de diferentes textos e por meio de ações intermediadas, que o leitor, passará a interagir com seus textos, a produzir um conhecimento partilhado e conseguirá representar oralmente e por escrito, sobre vários registros verbais, seu pensamento, sua experiência prévia de vida e seu conhecimento coletivo de mundo.

2.4 O COMPOSITOR RENATO RUSSO

Em 27 de março de 1960 nasceu Renato Manfredini Júnior. Hoje, mais conhecido por Renato Russo. Ele se tornou o guru de toda uma geração por imergir no que é ser adolescente, crescendo num país muito confuso e adorável que é o nosso Brasil. Renato Russo se tornou um dos principais ícones do Rock no Brasil, onde permaneceu à frente da banda Legião Urbana durante 13 anos.

Hoje, 29 anos após a fundação da banda Legião Urbana, o carioca Renato Russo entra para a história da música popular como um dos principais compositores brasileiro do Século XX.

Renato Russo foi cantor, compositor, letrista e integrante do grupo de rock nacional Legião Urbana e contribuiu durante 08 anos para a divulgação e fortalecimento do movimento de um estilo musical ainda “careta”, assim como outras bandas brasilienses: Capital Inicial e Paralamas do Sucesso. Em 11 de outubro de

1996 temos sua perda, mas nos deixa um grande legado cultural através de suas canções.

Filho primogênito do senhor Renato Manfredini e dona Maria do Carmo, Renato Manfredini Júnior estrutura-se com uma personalidade obstinada e confiante, no entanto, o compositor tinha medo da solidão e das tentações da metrópole, no fundo um ser humano inquieto, um poeta romântico em busca da felicidade e dotado de conflitos internos que terminaram sendo transportadas para suas canções.

Renato passou parte de sua infância na Ilha do Governador, e antes mesmo que aprendesse a ler, Júnior – como era chamado pela família – tomou gosto pela música clássica pegando carona na coleção de LP's de seu pai. Além disso, o pequeno Renato escutava as canções de Elvis Presley, Neil Sedaka e Paul Anka que sua tia Maria do Socorro deixava tocando enquanto tomava conta do pequeno Renato. A partir daí, Renato passou a desenvolver contato com o vasto mundo da música por intermédio do gosto eclético familiar. Assim tudo iria se refletir no seu potencial artístico e ainda mais pelo impacto de ter descoberto o rock e tudo que ele representava na virada dos anos 60 para os anos 70.

Ainda criança muda-se para Nova York com sua família e sua estada por lá foi aproveitada com reflexos notáveis em toda a sua formação, porque além de entrar em contato com a Língua Inglesa, ele passou a devorar um livro por semana da biblioteca escolar. A estada nos Estados Unidos deu a Renato o domínio do inglês que facilitou ainda mais sua paixão pelo rock, visto que seu primeiro disco do gênero foi *The Beatles*. A banda foi sua primeira paixão e também responsável indiretamente por outra descoberta: a da própria sexualidade. Assim, por um longo período Renato passou por uma fase de ouvir muito rock progressivo usando seus poucos conhecimentos de piano, sendo sempre saudado nas reuniões familiares com “o roqueiro”.

Renato tinha à disposição livros e mais livros, tanto em português quanto em inglês. Uma vez foi presenteado com uma coleção de livros que compreendia todos os campos do conhecimento. Ciências Humanas, Sociais e Exatas. Depois, com a *Enciclopédia Britânica*. De posse dessas informações, ajudou a formar seu gosto musical. Um dentre vários exemplos foi à música *Química*, gravada inicialmente pelos amigos Palaramas do Sucesso. Segundo Renato a música era um “grito de

guerra dos vestibulandos”. “*Não saco nada de física / literatura ou gramática / Só gosto de educação sexual / E eu odeio química ... química ... química*”. Na verdade, os versos era uma licença poética, pois configuravam uma meia verdade, porque física e química não estavam entre suas disciplinas prediletas e, logo, uma meia mentira, porque muito o interessava literatura e gramática.

Já adolescente Renato vai morar em Brasília e um novo marco inicia em sua vida. A adolescência na capital do país seria determinante para sua formação e sua música, visto que eram tempos de ditadura militar, além da sensação de liberdade que o vasto horizonte no Planalto Central acendeu no garoto.

Aos 15 anos, Renato caiu gravemente doente. Diagnóstico: epifisiólise, doença de caráter virótico que praticamente dissolveu a cartilagem que ligava o seu fêmur esquerdo à bacia. Passou por duas operações e mais um ano e meio sofrendo. Nesse período ele não parou de estudar. O colégio Marista mandava-lhe as provas, e em casa o estudo era realizado. Assim, não perdeu nenhum ano de estudo. Tornou-se, no entanto, compulsivamente mais introspectivo que antes. Contudo, o período em que esteve doente não deixou de ter um lado produtivo.

Renato lia vorazmente. Lia tão rápido que às vezes as pessoas duvidavam que ele pudesse ter lido determinado livro em um curto espaço de tempo. Ele apreciava Literatura, mais particularmente a poesia – tais como: os sonetos de Shakespeare, Allen Ginsberg, Rimbaud, Fernando Pessoa e todos os seus heterônimos, Carlos Drummond de Andrade, Adélia Prado. No campo da filosofia – a Coleção *Os pensadores*, súpula das reflexões de gente como Blaise Pascal, Friedrich Nietzsche e Bertrand Russell, que lhe deu o que pensar e reprocessar.

Renato leu como um louco e decidiu se interessar ainda mais seriamente por música. Chegou a criar uma banda fictícia para se distrair no seu quarto de paredes cobertas de fotos, a 42th Street Band, na qual o cantor em seu *alter ego* se chamava Eric Russell. Esse sobrenome, compartilhado por uma de seus pensadores favoritos, o inglês Bertrand Russell, e sonoramente parecido com duas outras fontes de admiração, o também filósofo Jean-Jacques Rousseau e o pintor primitivista Henri Rousseau, ambos franceses, acabou resultando no “Russo” que adotaria alguns anos depois, como sobrenome artístico. Na verdade, Renato Russo seria mais que um sobrenome artístico. Aproximaria de um personagem, de um heterônimo. Tanto que, no começo da carreira da Legião Urbana, Renato Manfredini Jr. era quatro

anos mais velho que o Renato Russo. Para a 42th Street Band de Eric Russell, Renato Manfredini Jr. escreveu a biografia, pensou na obra, bolou capas para os discos. Parecia uma banda de verdade. Era um ensaio.

Em 1977, aos 17 anos, ele ficou curado da epifisiólise, Renato começou a dar aula de inglês e passou no vestibular para o jornalismo no Centro de Ensino Universidade de Brasília (Ceub), onde tomou conhecimento do movimento punk. No conjunto de prédios conhecido como Colina, entrou para uma turma de jovens e formou a sua primeira banda – Aborto Elétrico – daí passou da teoria a prática.

Em 1978, começou a compor suas músicas, um maravilhoso catálogo autoral foi sendo formado e sua obra foi a primeira a ganhar projeção, antes mesmo da popularização do compositor como artista.

Em 1982, passou a cantá-las pela fase individual como “*O Trovador Solitário*”, até chegar à fundação da Legião Urbana, com Marcelo Bonfá (bateria), Eduardo Paraná (guitarra) e Paulo Paulista (teclado), em 1983.

Renato foi se desenvolvendo como compositor, cantor e instrumentista, mas se tornou nacionalmente conhecido a partir de 1984, quando a Legião Urbana foi contratada e veio para o sudoeste como a sua formação definitiva: Renato Russo, Marcelo Bonfá, Dado Villa-Lobos e Renato Rocha (Negrete).

Todos esses pequenos detalhes importantes na vida de Renato Russo foram posteriormente citados em suas letras, como, por exemplo, em *O descobrimento do Brasil (1993)*, onde ele cita as personalidades importantes em sua vida: “*A professora Adélia, / a tia Edilamar / e a tia Esperança*”.

Em janeiro de 1985 é lançado o primeiro dentre os dezessete álbuns discográficos, sendo sete álbuns póstumos e destes sete, dois discos solo que assim segue:

- **Legião Urbana**, lançado em janeiro de 1985;
- **Dois**, lançado em julho de 1986;
- **Que país é este 1978/1987**, lançado em julho de 1987;
- **As quatro estações**, lançado dezembro de 1989;
- **V**, lançado em dezembro de 1991;
- **Música para acampamentos** (álbum duplo ao vivo), lançado em dezembro 1992;

- **O descobrimento do Brasil**, lançado em novembro de 1993;
- **The Wtonewall celebration concert** (solo), lançado em julho de 1994;
- **Por enquanto** (caixa de metal com seis Cds), reunindo os seis primeiros discos de estúdio da Legião Urbana, lançado em novembro de 1995;
- **Equilíbrio distante** (solo), lançado em dezembro de 1995;
- **A tempestade ou O livro dos Últimos Dias**, lançado em setembro de 1996;
- **Uma outra estação** (póstumo), lançado em julho de 1997;
- **O último solo** (póstumo), lançado em novembro de 1997;
- **Mais do mesmo** (antologia póstuma), lançado em março de 1998;
- **Acústico MTV** (ao vivo póstumo), lançado em outubro de 1999;
- **Renato Russo** (antologia póstuma da Série Bis), lançado em julho de 2000;
- **Como é que se diz eu te amo** (álbum duplo ao vivo, póstumo). Gravado em 08 e 09 de outubro de 1994, no Metropolitan, Rio de Janeiro. Lançado em duas versões, uma dupla, outra com os dois discos separados, em março de 2001;
- **Presente** (póstumo), lançado em março de 2003.

Renato Russo não pôde dar continuidade à sua carreira solo, embora em 1996 já falasse em produzir um disco com a música dos Beatles em ritmo de chorinho e também gravar um disco cantando samba-canção. Sua obra solo foi fechada postumamente em 1998, com o lançamento de “O Último Solo”, feito a partir das sobras dos dois álbuns gravados por Renato.

“*Força sempre*”: uma frase que Renato Russo utilizava em seus autógrafos e que encerra nosso comentário sobre a vida e obra de mais um grande leitor.

III CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Este capítulo centra-se na exposição da pesquisa-ação realizada na Escola Estadual de Educação Popular Professor Paulo Freire – (E.E.E.P. Profº. Paulo Freire), tendo como objetivo a observação das experiências dos educandos relacionadas à leitura, no intuito de verificar a incidência dessa prática dentro e fora de sala de aula, bem como avaliar os textos lidos, relacionando-os ao ensino sistemático da leitura no Ensino Fundamental, mais precisamente no terceiro ciclo da EJA (Educação de Jovens e Adultos), onde se busca desenvolver o gosto pela leitura, estimulando a incidência dessa prática em suas variadas formas e integrando-a frequentemente em situações cotidianas. E assim ajudar na formação de leitores dotados de habilidades, para a compreensão e avaliação do que lêem.

O presente estudo tem como referenciais metodológicos a pesquisa qualitativa no viés dos estudos etnográficos com a aplicação de questionário com perguntas abertas e fechadas para análise de dados coletados e reflexões sobre os textos selecionados a partir da leitura dos educandos.

Na pesquisa qualitativa foi realizada uma entrevista coletiva, feita em sala de aula, durante o processo de ensino e aprendizagem, com educandos partícipes da pesquisa e um questionário composto de questões abertas e fechadas para os alunos sujeitos da pesquisa.

A observação de campo foi realizada concomitantemente com a entrevista para garantir uma maior confiabilidade, visto a mesma ser coletiva. A fim de maximizar a confiabilidade dos resultados obtidos nessa pesquisa, tem-se, como procedimento, a realização de um instrumento de registro das observações, onde serão feitas as anotações de fatos relevantes ao estudo.

A amostra foi composta por 130 educandos da Escola Estadual Paulo Freire que freqüentam o terceiro ciclo. Como já mencionamos o campo de pesquisa consistiu somente em uma escola da rede pública estadual, que recebe educandos oriundos de diversos bairros do Município de Macapá pertencentes às diferentes classes sociais.

Após a coleta dos dados, realizamos a organização e análise do material, seguindo-se interpretação dos resultados.

3.1 OBSERVAÇÕES REFERENTES À INSTITUIÇÃO E A COMUNIDADE ESCOLAR

A E.E.E.P.Profº. Paulo Freire está localizado no Bairro do Trem, área urbana da cidade de Macapá. Fundada em 1997 nas dependências do prédio da Secretária do Estado da Educação (SEED), atualmente funciona em um prédio locado pelo Governo do Estado e atende 517 educandos distribuídos em 03 (três) turnos, oferecendo 03 (três) ciclos: o primeiro correspondendo às quatro primeiras séries do Ensino Fundamental; o segundo correspondendo à 5ª e 6ª séries e o terceiro à 7ª e 8ª séries.

A escola foi fundada para atender jovens e adultos que há muitos anos estavam sem estudar, além de adolescentes e jovens em situação de risco social e alguns adultos com pendência na justiça penal. Atualmente a escola recebe alunos que está há vários anos em uma mesma série do Ensino Fundamental Regular ou que tem problemas de disciplina em outros estabelecimentos de ensino e, que por esses motivos são transferidos para a escola. Um caso atípico, pois exige que os professores juntamente com a equipe pedagógica escolar assumam uma responsabilidade além daquilo que lhe é direito e dever enquanto profissional de educação.

Na escola existem seis turmas de terceiro ciclo (7ª e 8ª séries), distribuídas nos três turnos, cada turma possui um quantitativo de 20 a 30 alunos de diferentes faixas etárias. A disciplina de Língua Portuguesa é dividida entre três professores graduados na área, sendo que, ambos profissionais contribuíram para a realização da pesquisa, cedendo seus horários de aula para aplicação do questionário, bem como incentivando e ajudando os alunos na leitura, compreensão e análise dos textos oferecidos.

Para a coleta de dados inicialmente foi realizada uma observação sistemática nas aulas de Língua Portuguesa, nas turmas 313, 321 e 323 do turno da noite. Fundamentando metodologicamente o estudo fez-se o uso do método indutivo para as constatações da realidade concreta de leitura e interpretação dos educandos. Após essa etapa de observação, foi realizada a aplicação de questionários com perguntas abertas, a fim de diagnosticarmos os tipos de textos trabalhados em sala de aula? Saber com que frequência ocorre atividades relacionadas à leitura de textos? Quais os meios de comunicação são mais

utilizados pelos alunos para manterem-se informados dos acontecimentos fora e dentro do Brasil?

É importante enfatizar que os dados coletados foram obtidos a partir das respostas dadas pelos alunos e, em seguida a aplicação da Pesquisa-Ação, a partir da aplicação dos textos para a realização do processo de leitura e posteriormente a análise da compreensão dos textos paraliterários. Essa etapa teve por finalidade observar em que circunstância está o nível de criticidade dos educandos envolvidos na pesquisa.

No grupo de 130 educandos a faixa etária oscila entre 18 a 51 anos, e na análise e tabulação de dados eles serão identificados da seguinte forma: E1, E2, E3, E4 sucessivamente.

3.2 OS RECURSOS UTILIZADOS PARA NORTEAR A PESQUISA

Após a elaboração do questionário que contém quatorze questões pertinentes à prática de leitura, sendo nove discursivas e cinco objetivas, observamos que a resposta da terceira questão revelou que os textos fornecidos para a leitura em sala de aula, a canção foi o recurso menos utilizado pelos educadores. E na décima segunda questão houve uma grande incidência de educandos que utilizam o rádio como meio de entretenimento e informação. Além da constatação que a prática de leitura é frequente na Instituição Escolar.

De posse desses dados decidimos trabalhar com oito canções do autor Renato Russo, procurando diversificar as temáticas, como: Crítica Social; Política, Drogas, Formação Educacional, Amor, Exploração Infantil e etc. Porém, para efeito de análise iremos nos deter a apenas cinco. As canções são as seguintes: Clarisse, Química, Soldados, Perfeição e Faroeste Caboclo.

Para coletar as opiniões dos educandos foi trabalhado da seguinte forma:

- No primeiro momento foi distribuída a letra da canção a ser trabalhada com os mesmos, para que cada um deles pudesse ter acesso mais direto com a leitura;
- No segundo momento a música foi executada duas vezes para que os educandos pudessem perceber o sentimento expresso pelo autor;

- No terceiro momento foi pedido para eles anotarem ou destacarem o que mais lhes chamasse atenção, deste o título do texto até o último verso da canção;

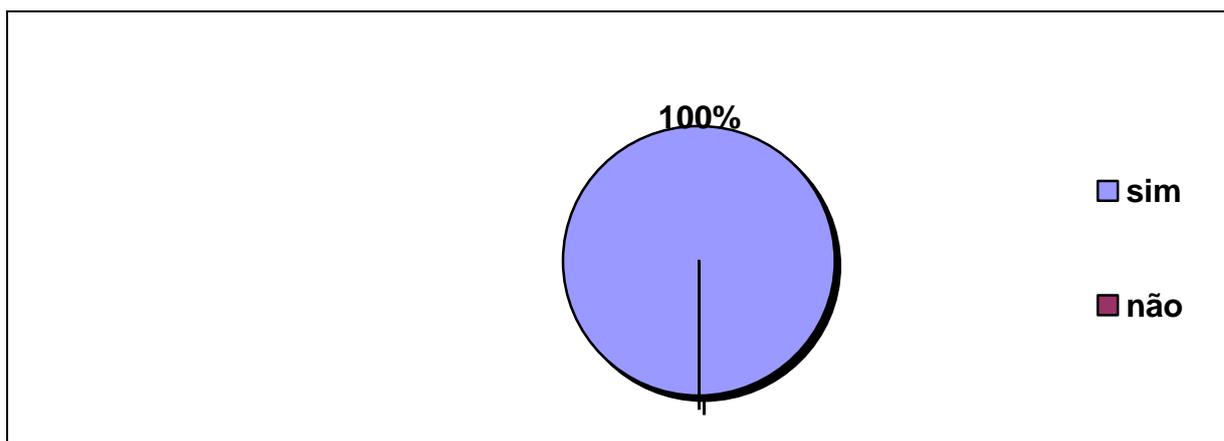
- No quarto momento foi pedido para que eles expressassem de forma oral suas opiniões quanto ao texto. Sugerimos ainda aqueles que não conseguissem expressar de forma oral que o fizesse de forma escrita, desde que lessem e argumentassem o que escreveu, visto que todas as opiniões seriam gravadas. Assim, muitos decidiram escrever enquanto que outros preferiram fazer o somente o uso da fala.

IV ANÁLISE DE DADOS COLETADOS

Nas últimas décadas a pesquisa educacional brasileira vem discutindo muitas questões inerentes ao ensino. Dentre as problemáticas levantadas se enquadra a preocupação com o desenvolvimento e o aprimoramento da leitura na formação de educandos sejam eles jovens ou adultos. Partindo desse pressuposto, e tomando como base o percentual quantitativo obtido sobre a prática e desenvolvimento da leitura no cotidiano dos educandos da E.E.E.P. Prof^o. Paulo Freire em sala de aula, juntamente com o posicionamento crítico-social de cada um, foi possível verificar a funcionalidade da aprendizagem escolar.

Ao questionarmos os educandos se existe prática de leitura em sala de aula, 100% dos entrevistados confirmaram que sim, conforme informação do gráfico 1. E o que se observa também é que a prática de leitura não se restringe apenas a disciplina de Língua Portuguesa, mas sim, a todas que compõem o currículo escolar, como: Geografia, História, Ciências e as demais, conforme gráfico 2.

Gráfico 1 – Existe prática de leitura em sala de aula?



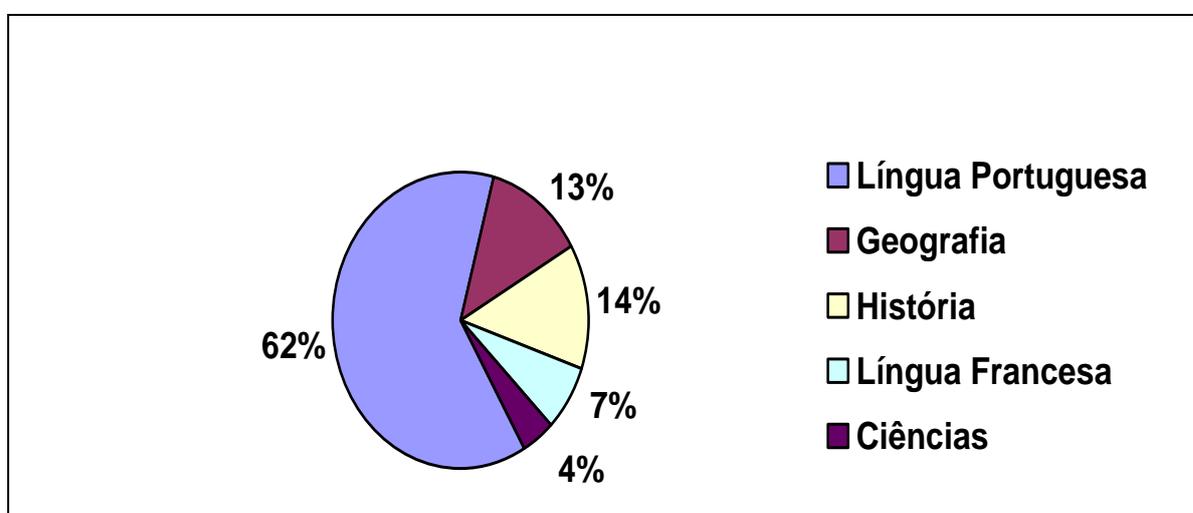
Fonte: pesquisa de campo, 2012.

Essa porcentagem significativa apontando que a prática da leitura é uma constante em sala de aula, independentemente da disciplina escolar. Esse aspecto só vem enfatizar que a leitura é utilizada como uma fonte produtora de conhecimento, pois compreende todo o processo de ensino e aprendizagem, porém o ato de ler em sala de aula requer sempre um planejamento que envolva especificação dos objetivos, definição das estratégias e, principalmente, clareza dos benefícios socioeducativos que essa atividade pode trazer ao aluno.

Gadotti (1998: 22) faz uma reflexão sobre conceituação de leitura, perpetrando um apanhado geral sobre o tema, ressaltando a real natureza social da leitura, evidenciando ser de grande relevância a plenitude de uma sólida base de leitura, principalmente, no âmbito educacional.

O gráfico 2 faz referência a disciplina escolar que mais utiliza a leitura como um recurso de informação e construção de conhecimento entre professor e aluno. Um percentual de 62% afirmou que nas aulas de Língua Portuguesa existe a prática de leitura, bem como, 13% em Geografia e 14% em História. Essas disciplinas vem reforçar que a leitura é um dos recursos que auxiliam o professor no processo de ensino e aprendizagem dos educandos, seguindo esta mesma incidência temos as demais disciplinas apontadas no Gráfico 2.

Gráfico 2 – Em qual disciplina ocorre a maior incidência de leitura?



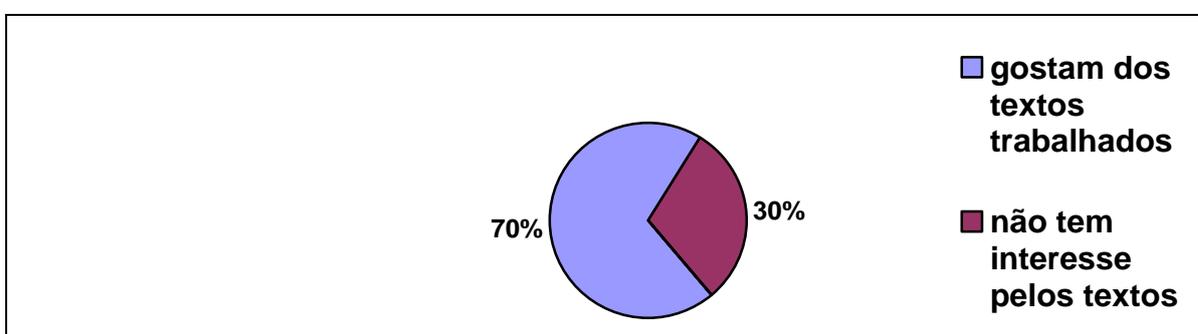
Fonte: pesquisa de campo, 2012.

Quanto a esse dado é pertinente, afirmar que o desenvolvimento do hábito da leitura na escola, não está ligado somente à disciplina de Língua Portuguesa, mas sim a todas as demais disciplinas do currículo escolar. Sabemos apenas que o professor ao utilizar um texto literário ou científico em sala de aula, deve atentar para o fato de que não basta extrair ou (re) construir as suas informações para integrá-las ao que o aluno já conhece, porém é importante que o docente reconheça as especificidades desses textos e a sua função para o desenvolvimento social e cognitivo do aluno, a fim de melhor explorá-lo na interação em sala de aula.

Nesse sentido, percebe-se no gráfico 3 que o texto seja ele literário ou científico precisa despertar no aluno um interesse específico sobre um determinado

assunto, além de ser agradável o suficiente para que esse educando dê sentido ao que ele está lendo, não somente um sentido didático, mais que o provoque a questionar e a entender aquilo que está escrito no texto. Dessa maneira, os alunos foram questionados se os textos apresentados pelos professores em sala de aula lhes agradavam, 70% dos educandos responderam que sim, além de afirmarem que grande parte dos textos que os professores trazem para a sala de aula trata de temas ligados ao seu cotidiano, trazem informações que contribuem para a sua aprendizagem e, por esse motivo eles se sentem à vontade para comentá-los e dialogarem com o professor e colegas. No entanto, os outros 30% dos alunos afirmaram não se sentir a vontade para comentar sobre aos textos seja por timidez ou por não terem interesse no tema trabalhado em sala de aula.

Gráfico 3 – Você gosta dos textos trabalhados em sala de aula?



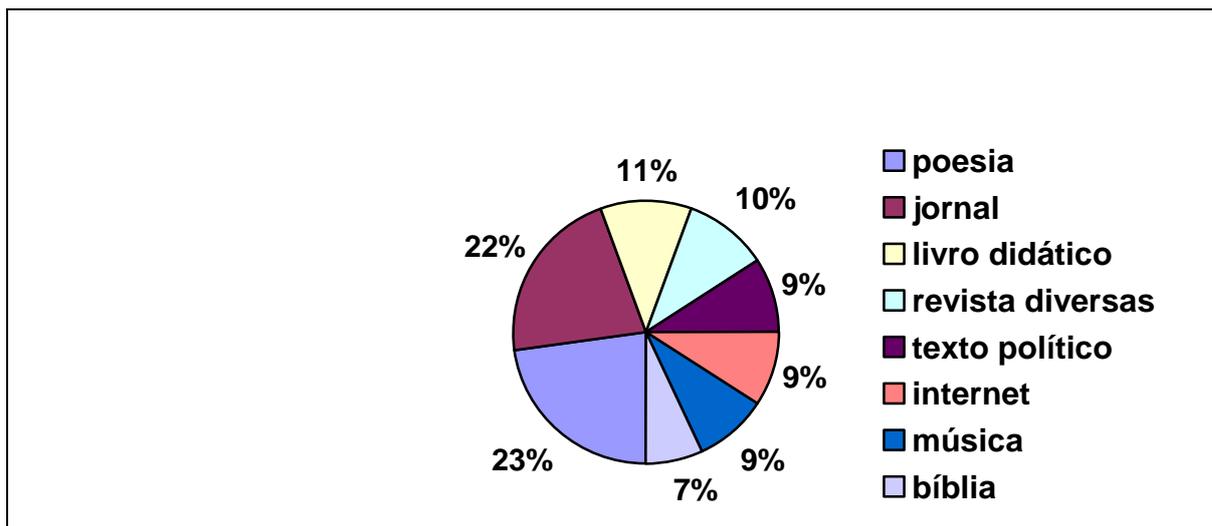
Fonte: pesquisa de campo, 2012.

A necessidade e o interesse dos alunos com referências aos textos trabalhados em sala de aula pelo professor são focalizados na escola e na sociedade de acordo com a ótica do seu meio social e cultural, portanto é importante que o professor leve em conta o que é realmente relevante para esse aluno adolescente, jovem ou adulto.

O interesse pela leitura diz respeito a uma atitude favorável em relação ao texto, na qual é gerada por uma necessidade, que pode ser: tomar conhecimento genérico de ocorrências atuais, seguir uma instrução, recrear-se, estudar. É através do ato de ler que o indivíduo busca satisfação de uma necessidade de caráter informativo ou recreativo. (AGUIAR, 1979: 34)

Os dados assinalados no gráfico 4 vem confirmar o que Aguiar (1979) ressalta acima, apurando que há uma diversificação de interesses e gostos por uma determinada leitura. Assim, o tipo de leitura que mais agrada é a poesia com 23% e o jornal correspondendo a 22% dos entrevistados. Já a bíblia foi agraciada com 7% da preferência dos leitores.

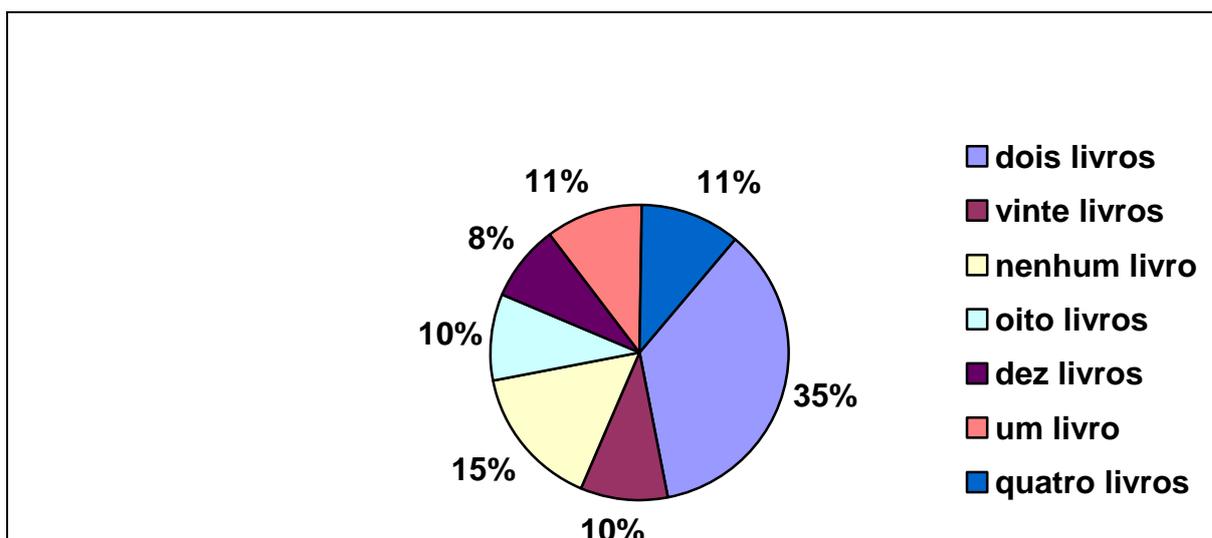
Gráfico 4 – Que tipo de leitura mais lhe agrada?



Fonte: pesquisa de campo, 2012.

Outro dado importante também foi obtido a partir do gráfico 5. Verificou-se que o número de livros lido por ano pelos educandos chegou a dois livros em média, sendo esses livros de qualquer natureza. Não foi levado em consideração título das obras ou autores.

Gráfico 5 – Além dos livros didáticos quantos livros você lê em média por ano?

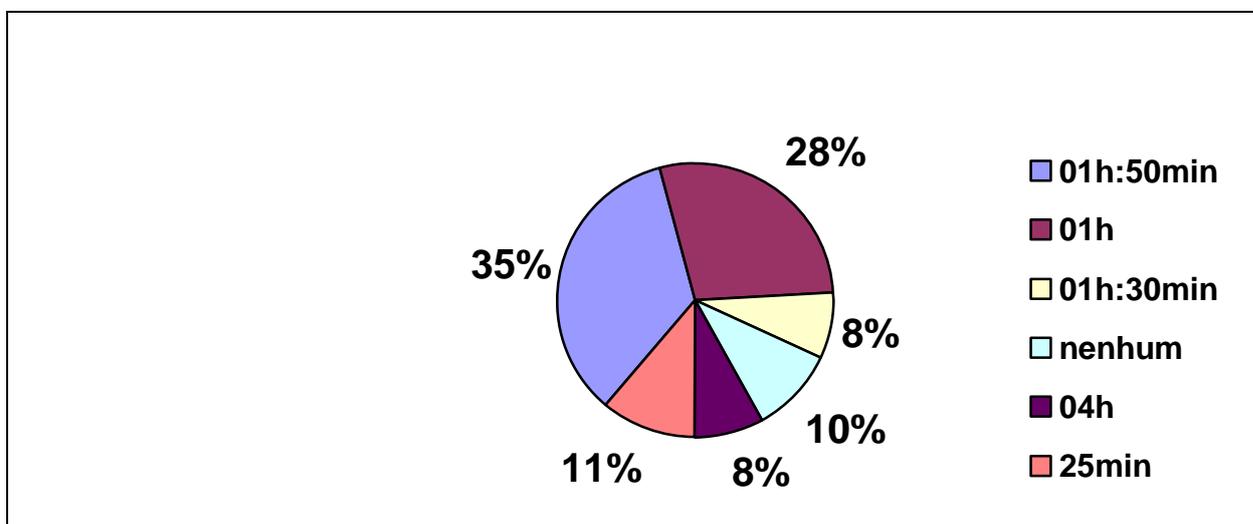


Fonte: pesquisa de campo, 2012.

Ao confrontar os dados apontados nos gráficos 5 e 6, constatou-se dois aspectos preocupantes: que 35% dos educandos lêem em média dois livros por ano e dedicam poucas horas de leitura semanal. Pois, há outros países como Inglaterra e os Estados Unidos, aonde a estimativa chegam a 4,9 e 5,1 livros lidos por ano,

respectivamente. E que o tempo médio dedicado à leitura não supera a média nacional que é de 5,50min por semana, de acordo com a Revista Nova Escola (2008: 08). Assim, o gráfico 6 vem comprovar na pesquisa da Revista Nova Escola sobre o tempo médio dedicado a leitura.

Gráfico 6 – Quantas horas você dedica por semana à leitura?



Fonte: pesquisa de campo, 2012.

Aliado as poucas horas que os alunos dedicam à leitura está outro fator que em si tratando de escola é relevante mencionar aqui, o fato de que apenas 30% dos alunos entrevistados só fazem uso da biblioteca escolar como recurso de consulta bibliográfica para atividades de Língua Portuguesa, Geografia e História. Esse dado é preocupante, pois revela e demonstra que a biblioteca escolar é um espaço desnecessário, além de não ter uma função definida, não se apresenta articulada ao fazer do professor, nem ao saber disseminado por ela, e menos ainda ao despertar da leitura dos alunos.

Para Milanesi (1986: 53), saber chegar às informações e extrair o máximo possível de um acervo romperia com as tradições do ensino que vem do ato e impõe a verdade, verdade pronta para ser usada. O acesso livre à informação é um exercício de liberdade que se desdobra infinitamente.

Dessa maneira, para que ocorra o acesso livre à informação e ao vasto mundo literário, é necessário que a escola desenvolva um trabalho com essa finalidade enfatizada por Milanesi (1986), onde se verifica a participação dos professores, coordenadores pedagógicos e os funcionários trabalhem na biblioteca entendam-na como centro de referência de informações, que além de disseminar o

saber acumulado, promove de leitura, esteja bem articulada aos diversos conhecimentos veiculados na escola, e assim desperte nos educandos o prazer de ler em busca de novos conhecimentos.

4.1 REFLEXÕES SOBRE OS TEXTOS

Nesta etapa serão analisados os comentários dos educandos obtidos através das 08 (oito) canções trabalhadas em sala de aula. Dentre 08 (oito) canções trabalhadas decidiu-se escolher 05 (cinco) para serem discutidas quanto à habilidade de leitura dos educandos, sendo que nesta fase será importante mencionar os referenciais teóricos até aqui apresentado como base desta pesquisa.

De modo geral acerca dos textos repassados em sala de aula percebeu-se na leitura feita pelos educandos uma criticidade para interpretá-los, embora alguns desses educandos tenham apresentado dificuldade para expressar de maneira organizada seus posicionamentos.

Sobre a abordagem do texto **Clarisse** os educandos pesquisados sempre se reportaram aos fatos e experiências vividas em sociedade. E, quando os educandos relacionam experiências do cotidiano com os fatos mencionados na narrativa estão demonstrando que eles seguem a travessia de Freire (2003: 13) que propôs “a leitura de mundo precede a leitura da palavra”. Esse aspecto pode ser facilmente identificado nas colocações feitas por E1.

- E1:(...) “Todos vão vê ela como uma simples drogada (...). Isso mostra que para as drogas não tem limite de idade, cor ou raça, porque a gente na sociedade, nós não estamos privados de drogas, principalmente do álcool e do fumo que leva a outra droga mais pesada (...). Isso nós podemos perceber pelo que é passado nas novelas (...)”.

De acordo com o excerto acima é possível dizer que E1 faz uma leitura embasada em fatos reais, em experiências do cotidiano, enquadrando o conceito de leitura de Freire (2003). E ao empregar a sentença: “Isso nós podemos perceber pelo que é passado nas novelas”. Percebe-se que E1 emprega outro recurso que a leitura requer como a intertextualidade ao mencionar as telenovelas como meio de divulgação do que acontece em sociedade. Também, é possível dizer que E1 abarca o posicionamento da Goulemont (1996: 108), quando acessa a biblioteca existente no leitor. E para complementar a interpretação observou-se que no excerto de E2 também ocorre criticidade quanto às drogas, admitindo que tal problema não

somente a partir da adolescência, mas também a partir da infância quando os pais são fumantes ou alcoólatras.

- E2:“(...) Eu vejo também que as drogas não ataca somente os de 14 anos, mas os de 05 e 12 anos com o uso de cigarros e bebidas, pois tudo começa pelo mal incentivo dos pais que bebem e fumam dentro de casa (...)”.

Ao tomar por base a sentença de E5 observou-se que ele lança mão da incompletude do texto defendido por Abreu (2000: 132), referendando que não existe leitura ingênua, pois ao interpretar e interagir com o texto, o leitor utiliza mecanismos de leitura que proporciona sentidos diferenciados, ou seja, (re) constrói e (re) cria o que foi lido.

- E5:“Dizem que o usuário de drogas ele é um louco, ta certo! Mas a meu ver ela é apenas um dependente químico que possui problemas, inclusive, a Clarisse já perdeu vários amigos para as drogas, mas a polícia quando leva essas pessoas presas tratam elas como marginais e não como doentes, eles são seres humanos”.

Em relação a E11 é possível reconhecer tanto a concepção de Freire (2003) quanto à de Lajolo (2004: 08) que diz: “a leitura parte da leitura da palavra para leitura do mundo”, quando o educando se sente livre para recusar interpretações variadas sobre o texto **Clarisse**, afirmando que a realidade não condiz com os fatos e rotula que tudo não passa de “papo furado”, “discurso lindo”, pois na sua visão toda essa discussão não convém na prática.

- E11:“O que eu acho que isso é um tremendo ‘papo furado’ (...). Eu posso abrir a boca e fazer esse ‘discurso lindo’. Você pode usar drogas por ser um dependente químico, um doente. Tudo bem! Mas eu sei que tem muita gente que usa drogas não porque é dependente químico, e sim, por pura sacanagem, usa porque quer se divertir ficar mais leve ao ponto de demonstrar que possui força de vontade para controlar a ansiedade”.

É permitido reconhecer em E16 e E6 o domínio da leitura da palavra conforme a concepção de Lajolo (2004), a ponto de observarem e inferir no texto **Clarisse**, quando mencionam que o indivíduo ao se tornar usuário, dependente das drogas, ele na verdade, está fugindo de um problema qualquer, desconhecido pelos familiares. Por isso, os educandos concluem que as drogas é uma ilusão, certo analgésico para situação de insegurança, falta de diálogo e apoio, ou compreensão familiar.

- E16:“Quando ele começou a usar drogas, para ela era uma saída da depressão e dos problemas dela. Já no final do texto agente percebe que as drogas se tornou o maior problema da vida dela. Daí, a solução se tornou o problema (...)”.

- E6:(...)“Uma pessoa que é drogada ela não consegue ter amizade com outra que não é; porque ela tem preconceito consigo mesma, por isso, ela mata, ela rouba, ela assalta”.

Na verdade, as falas dos educandos se mantêm por todo texto sob um posicionamento crítico, relacionando fatos lidos (LAJOLO, 2004: 08) com fatos do cotidiano (FREIRE, 2003: 13), vivenciados por cada um dos leitores, que ora parte da leitura de mundo para a da palavra, ou vice-versa. Mas estes educandos não deixam de buscar o texto como suporte para as suas fundamentações. Alguns conseguem fazer a intertextualização proposta por Goulemont (1996), usando da “*história*” para dar sentido concreto ao tema discutido, relacionando fatos do cotidiano com as telenovelas e jornais. Portanto, pode-se deduzir conforme Abreu (2000), que não existe leitura ingênua, quando se leva em consideração a constância do hábito de leitura. Isso se pode observar nos excertos de E12 e E14.

- E12:“O texto cita uma mulher como dependente química para alertar que o progresso social também alcançou outros patamares, um progresso com grandes conseqüências sobre ela (...). Com o liberalismo em torno do sexo e das drogas (ilícita ou não), fez da mulher a parte mais prejudicada, tudo porque esse fato é muito novo e não temos como contabilizar o estrago disso tudo, são apenas algumas décadas, frente a todo um contexto masculino”.

- E14:(...) “o que agente mais vê hoje são meninas de 14, certo! 16 e 15 anos se prostituindo, certo! (...) Então, eu acho que tem que haver uma conscientização bem séria em relação às mulheres, porque em nível de Macapá você pode até não querer enxergar muito disso, mas se você parte para as grandes cidades isso é forte como no caso das mulheres do Laranjal do Jarí e do Oiapoque, que além de se prostituírem, terminam se envolvendo em crimes, como o tráfico de drogas, lotando as penitenciárias no lugar dos seus companheiros em Macapá e no Brasil”.

Percebe-se que individualmente os educandos mesmo mantendo uma interpretação interativa com o texto, e apesar de terem dito que lêem dois livros por ano; de dedicar duas horas de leitura por semana além da prática de leitura em outras disciplinas, conforme dados apresentados nos gráficos 1 e 2, verificou-se que alguns educandos ainda apresentam dificuldades ao argumentar, em termo de conclusão de sentido. Ou seja, existe a quebra de seqüencial de raciocínio deixando assim de apontar a solução para o problema em questão. Entretanto, constata-se que os mesmos sabem identificar sobre o que texto discursa (as drogas).

Ao analisar as interpretações sobre a canção **Perfeição**, verifica-se na fala de E42 o posicionamento crítico da realidade social da qual está inserido, conforme Freire (2003). Contudo, é possível reconhecer nesta fala a concepção de leitura

proposto por Lajolo (2004), além da produção de sentido corroborada por Goulemont (1996).

E42:(...) “A música perfeição nos dá a idéia de que foi acabada de ser feita, com água podre, os impostos, queimadas e seqüestros, o trabalho escravo, nosso pequeno universo (...). O autor fala do descaso por educação, de bom senso, é como se fosse brincadeira de mau gosto, ele ainda quer dar uma festa com velório e caixão acabando com sua própria estupidez...”.

No excerto acima é possível reconhecer esses conceitos de leitura, os quais nos fazem entender que a leitura é antes de tudo um processo de aprendizagem, e aprendizagem é uma espécie de leitura de vida do leitor. Portanto, percebe-se nessa fala uma crítica fundamentada no texto, uma concepção própria de mundo com os argumentos que ligam a sua ideia a do autor.

A partir desse entendimento sobre o ato de ler referendado em Freire (2003) e em Lajolo (2004), ambos ressaltam que o leitor precisa ter um posicionamento crítico frente ao texto lido, aceitando ou recusando concepções a ponto de tornar a leitura mais prazerosa e menos didática. Isso pode ser observado nas falas de E37 e E38, constatando que a leitura de um mesmo texto provoca reações diversas em indivíduos diferentes, em função de suas experiências de vida, de sua realidade, ou do seu poder de percepção sobre o texto.

E37:“Em ‘Perfeição’ ele fala de cada país, principalmente da parte onde impera a corrupção humana, da má administração do dinheiro público, da falta de policiamento nas cidades; pessoas que estão morrendo por falta de hospitais. Por isso, vemos a desunião cada vez maior entre os seres humanos, é a completa falta de compreensão e apoio dos nossos políticos”.

E38:“Em Perfeição é celebrada a estupidez humana onde todas as nações não escapam. Vivemos num país onde há seres humanos vivendo sem educação, sem escrúpulos. São homens que agridem as mulheres (...), até as estupram. São poucos que possuem uma vida digna de tudo. O título da música deveria se chamar imperfeição, porque em nosso país ainda falta muita coisa para ser perfeito”.

Verifica-se nas duas falas acima que existe uma interpretação livre. Ou seja, E37 e E38 fazem uma interpretação do texto a partir de pequenos fragmentos, acabando por produzir uma fala coerente, resultando num ‘mix’ de idéias do leitor e autor a ponto de emergir fatos da vida diária, o que faz das interpretações algo real. Portanto, isso mostra um leitor consciente de suas habilidades práticas de leitura, o que equivale a definição de (SANTOS, 1981: 145) “a leitura é uma habilidade de valor inestimável. Pode ser tratada como uma das atividades básicas mais relevantes no processo de aprendizagem”.

A fala E45 demonstra que a leitura representa um posicionar-se para além dos elementos e das ideias do autor. Isto é visível no uso dos vocábulos utilizados para compor a sua fala que ele se posiciona e se aproxima de sua vida. Um posicionamento crítico diante do texto que vem reafirmar o que Lajolo (2004) concebeu enquanto leitura, ou seja, ler não é um ato mecânico, mas sim, um fato que compreende todo o processo de aprendizagem do educando.

E45: "A estupidez humana está destruindo a humanidade e isso se manifesta de várias formas através das guerras, do abuso de poder e da desigualdade e de muitos outros, como sabemos a desunião humana leva a destruição essa que abala principalmente as pessoas do bem, muitas pessoas vivem em condições subumanas e muitas das vezes para obter seu alimento sem saída e sem trabalho entram na vida do crime e isso tudo acontece pela má administração nos governos, o descaso pela educação também forma cidadãos mal informados e revoltados".

Considerando a afirmativa de Santos (1981) devemos então entender que a leitura deve ser considerada como um processo importante para a aprendizagem do educando, pois é no momento de suas falas que observamos suas vivências, seu conhecimento, seus valores e sentimentos. Dessa maneira, a leitura deixa de ser uma atividade meramente pedagógica e passa ser uma fonte de entretenimento.

A relação da escola, a leitura e a vida do aluno pode ser significativa quando o professor cria espaços na sala de aula para o manuseio textos variados, além de situações mais íntimas, confirmando a idéia de Freire (2003), ou seja, "ler não é um ato mecânico, mas sim, um ato que compreende todo o processo de aprendizagem".

Ao analisar a canção **Soldados** verificou-se que uma porcentagem significativa dos alunos percebeu o texto partindo do tema. Seguiram suas interpretações analisando o texto forma didática, partindo da decodificação e da decifração da escrita para em seguida refletir sobre as implicações mais relevantes presentes no texto, para então, formar seu próprio conhecimento e emitir opinião a respeito do que leram.

As falas E53 e E61 expõem esse pressuposto, vindo afirmar o parecer de Lajolo (2004) sobre a leitura.

E53: "Eu entendi que a música 'Soldados' reflete sobre a guerra continua nos bairros, nas grandes cidades, em nossas casas, que muitas vezes não conseguimos dialogar com nossos filhos, dando continuidade a discriminação entre pobre e rico, com a falta de respeito, com a falta de humanidade (...)".

E61: "Soldados são os meninos que pedem esmolas nos semáforos. Eles tinham medo de ir a luta e não voltar mais por causa da violência nas ruas. Hoje é muito diferente a infância. As crianças não fingem mais brincar de soldados".

Com base nisso nota-se que no excerto de E55 a canção **Soldados** é uma dura crítica a sociedade brasileira sobre o descaso de menores de rua, algo muito claro na passagem: *“Tenho medo de lhe dizer o que eu quero tanto/ Tenho medo eu sei porquê/ Estamos esperando/ Quem é o inimigo?/ Quem é você?/ Nós defendemos tanto sem saber. Por que lutar”*(...). Assim, E55 esclarece que o autor fala que a nossa sociedade é individualista, e que o consumismo criou uma classe política e econômica mais forte para os ricos. Tal ponto de vista está fundamentado na leitura proposta por Freire (2003).

E55:“Sobre a parte que fala ‘quem é o inimigo? / quem é você?’. Eu acho assim: que o Renato tá querendo falar dessas pessoas que ajudam essas crianças de rua, e também daquelas que olham para isso e não faz nada. Então é preferível acreditar no desconhecido que faz alguma coisa de que no amigo que não faz nada. Eu acho que esse negócio de soldados aí são o povo brasileiro que nas últimas décadas vem sofrendo e lutando para tentar ter uma vez dentro da sociedade”.

A fala E57 consegue entender essa mensagem ao partir da leitura de mundo estabelecendo uma interpretação crítica da realidade, ilustrando seu pensamento com as ideias do texto, demonstrando coerência e coesão, seguindo a linha de Freire (2003) e Lajolo (2004).

E57:“Renato Russo através da letra de sua música ‘Soldados’ passa várias mensagens, como por exemplo, as guerras que afligem a humanidade, causadoras de problemas familiares e um desequilíbrio do homem no mundo. A ideia principal é informar e chamar atenção de todos sobre os contratos do mundo, pois a criança de hoje não brinca mais, ela começa a trabalhar muito cedo, umas até com armas na mão. O comportamento humano retrocedeu, a medida que a sociedade cresceu. Nós estamos mais parecidos com animais, parece até que nós vivemos numa era de salve-se que puder”.

Ao considerar a interpretação dos educandos sobre a canção **Química**, percebeu-se que os alunos foram receptivos em relação ao texto, se mostrando críticos, além de estabelecerem relação intertextual a partir do sugerido pelo autor. Desta forma, os educandos interagiram com o texto expondo suas argumentações acerca de fragmentos do texto. As falas E63 e E66 exemplificam essa afirmativa.

E63:“Pra ele ser um cidadão modelo, burguês padrão, tinha que passar no vestibular, só que se ele não estudasse, ele não iria passar, e para passar ele precisaria saber química e física, mas ele só queria saber de educação sexual”.

E66:“Eu entendi que ele se referiu aos jovens de hoje que só estudam essas matérias, mas devemos usar isso na vida inteira. Eu acho que sem estudo a gente, não é nada, acho que o sonho de uma vida melhor só se consegue com a educação”.

Também nas falas acima foi encontrado um elemento característico da leitura, como a coerência. Entende-se assim que a leitura ocorrida tornou-se uma atividade ligada quase que essencialmente à escrita, ou melhor, houve um significado e uma identificação entre o leitor, texto e o autor. Portanto, pode-se concluir que essa situação confirma as ideias de Lajolo (2004) e Goulemont (1996). E para completar vale ressaltar (MOLINA, 1982: 18), que diz: “o ato de ler exige envolvimento do leitor com o texto, por abranger sempre multiplicidades de respostas que dependem de uma multiplicidade de características do estímulo do texto”.

A leitura é uma atividade extremamente complexa e envolve problemas, não só fonéticos, mas também social e cultural. Ao ler a pessoa dar sentido a sua circunstância, ao mundo, a si mesmo e aos outros, por isso, a leitura vai além do texto escrito, começa antes mesmo do contato com ele, para que haja uma análise ou reflexão crítica positiva e negativa da mensagem lida, e assim, outras e novas opiniões sejam fomentadas a partir da temática estabelecida no texto, conforme ressalta (MARTINS, 1999: 34), que “dar sentido a um texto implica sempre levar em conta a situação desse texto e de seu leitor”. Contudo, esse pressuposto só pode ser válido se o leitor se dispuser a entender o texto na sua ‘entrelinha’, além de ter coragem para dar sentido ao que está lendo.

Sobre a análise da canção **Faroeste Caboclo** verificou-se que os educandos se detiveram comentaram apenas pequenos fragmentos do texto sem contextualizá-lo com a sua realidade a de outra pessoa, por esse motivo a maior parte das falas são uma repetição do texto com coerência, subjetividade e fundamentação da idéia deles com a do autor. As falas E81 e E91 demonstram essa situação.

E81: “O João não sabia como a vida funcionava, ele era discriminado pelas pessoas por causa de sua cor por ser pobre, por causa disso ele viajou para outro lugar para tentar achar resposta para si mesmo e não conseguiu achar porque ele foi pro caminho errado, ele se tornou bandido, ele morreu”.

E91: “Ele quando era criança só pensava em virar bandido, porque ele se revoltou quando seu pai morreu, ele ia na igreja só pra roubar o dinheiro que as pessoas colocavam na caixinha do altar”.

Nota-se que essas duas falas não possuem contextualização e nem coerência com o texto que leram. Os educandos não conseguiram concluir suas falas e nem estabelecer um diálogo entre a leitura e a sua realidade o que os torna simples receptores de mensagens.

Dentre as falas analisadas apenas uma deu subjetividade e interpretação crítica da leitura para com a sua realidade o que segue a linha Freiriana de leitura, na qual todo processo de aprendizagem se dá a partir da leitura por esta propiciar o encontro entre o saber escolar e o saber cotidiano do aluno. Na fala E81 pode ser constatado isso.

Fazendo uma reflexão sobre essa fala, verifica-se que ela está enquadrada na concepção de Lajolo (2004), tomando posicionamento crítico sobre o texto, interpretando-o de acordo com a sua visão ou o seu conhecimento da temática abordada no texto.

V CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do estudo da Literatura denominou-se que nem tudo que era escrito possuía um sentido literário. E ainda hoje, muitos teóricos não conseguem definir o que seja literatura, porque uma obra precisa do aval de canais competentes, o que é compreensível, pois o conceito é amplo, envolve inúmeros aspectos e varia de época para época. Mas há um consenso, de que a literatura é a arte da palavra, uma linguagem opaca, intuitiva, conotativa, semântica e carregada de subjetividade, que cria sentidos novos e ajudam a questionar a realidade, o senso comum, as ideias feitas. Assim, entende-se que cada obra é única na literatura e sofre interferência do leitor, ou seja, com o conhecimento adquirido através de outras obras lidas, do seu interesse e gosto, e também da sua vivência de mundo e seu senso crítico transforma o homem que a lê e modifica seu modo de pensar a ponto de transformar a sociedade em que vive através de um novo comportamento.

Tudo nos faz crer que os intelectuais não leem paraliteratura como é conhecido o *best-seller*, não leem coisas superficiais, que não acrescentam algo aos seus horizontes de expectativas, não perdem tempo com leitura sem objetivo acadêmico. Na verdade, muitos intelectuais leem escondidos (Renato Russo lia), mas o grave é ler só isso. Esse preconceito precisa ser combatido em nosso país, porque ao que consta lê-se pouco. Ler é louvável e o gosto pela leitura, mesmo que sejam os paraliterários, pode ser um começo para o aprendizado do gosto pela literatura de qualidade.

Portanto, é importante estimular a criança ler em casa, e não deixar que somente a escola tome para si esse desafio, afinal os nossos lares são locais ideais para exercitar a leitura, desenvolvendo interesse e gosto pela literatura em geral.

Outro ponto a considerar é a visita constante dos leitores as bibliotecas, local onde o acesso aos livros deveria ser facilitado, mas quando estas existem nas escolas, ficam fechadas, inacessíveis. E como são mantidos pelos poderes municipal, estadual e federal, os acervos beira a miserabilidade. Nelas, a atualização do acervo, com aquisição de livros novos e contemporâneos é utópica, o ambiente é decrépito e a recepção aos leitores, não raro, é horrível.

Dos variados textos que temos para a leitura no mundo, como o cinema, a pintura, a canção, os livros parecem ser o material mais procurado. E, segundo Paulo Freire, o indivíduo iletrado, possui a capacidade de criticar o mundo que vive,

fazendo a *“leitura do mundo”*, usando sua vivência e senso crítico; e em um país onde os letrados não são estimulados para a leitura ocorrerá o aumento no número de pessoas que compram livros. O caso é: ainda hoje, as pessoas compram livros porque está na moda comprar livros.

Para contribuir com nossa parte nesse processo, de (re) laboração da leitura, segundo nossas vivências, nossos horizontes de expectativas. Observamos que escrever não é fácil, porque é necessário ler para escrever, por isso, é válido nessas condições, que o leitor leia, seja qual for o texto, até mesmo como preparo para um aprendizado da leitura. Na verdade, há preconceito na sociedade quanto a tipos de leitura, se é nobre ou não, literária ou não.

Assim, a leitura do texto em sala de aula é uma prática escolar rotineira e de tradição secular. No entanto conhecemos pouco sobre as relações que se estabelecem entre o professor e o aluno nessas situações, se aquele leva seus alunos a compreenderem o que está por ler, comprovando a importância do leitor na releitura de um texto, com seu horizonte de expectativas, com sua leitura de mundo. Então, começamos a ler de muitas maneiras.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia. **As variadas formas de ler.** IN. PAIVA, A. EVANGELISTA, A. PAULINO, G. VERSIANI. 2. (orgs). **No fim do século: a diversidade – o jogo do livro infantil e juvenil.** Belo Horizonte: Autêntica, p.121-134 (2000).

ASSAD, Simone. **Renato Russo de A a Z: As idéias do líder da Legião Urbana.** Campo Grande - SP: Leitura Livre, (2000).

DAPIEVE, Arthur. **Renato Russo: O trovador solitário.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, (2000).

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, (1993).

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Cortez, (2003).

GADOTTI, Moacir. **A natureza da leitura e suas aplicações na metodologia de ensino.** IN. CONGRESSO BARSILEIRO DE LEITURA DO BARSIL, 6, 1987, São Paulo, Anais..., (1988).

GOULEMOT, Jean Marie. **Da leitura como produção de sentido.** IN. CHARTIER, Roger. (org.). **Práticas de Leitura.** São Paulo: Estação Liberdade, p.107-116 (1996).

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** 5ª Ed. São Paulo: Ática, (2004).

MILANESI, Luiz. **O que é biblioteca?** São Paulo: Brasiliense, (1986).

MOISÉS, Massaud. **A criação literária: poesia.** São Paulo: Cultrix, (1997).

MOLINA, Olga. **Leitura: Será possível (e necessário) uma definição?** Leitura: Teoria e Prática, Campinas-SP, 1982.

URBANA, Legião. RUSSO, Renato. **Clarisse.** IN. **Uma outra estação.** São Paulo: EMI-Odeon, (1996).

_____.RUSSO, Renato. **Perfeição.** IN. **O descobrimento do Brasil.** São Paulo: EMI-Odeon, (1993).

_____.RUSSO, Renato. **Química e Faroeste Caboclo.** IN. **Que país é este 1978/1987?** São Paulo: EMI-Odeon, (1987).

_____.RUSSO, RENATO; E; BONFÁ, MARCELO. **Soldados**. IN. **Música para acampamento 2**. São Paulo: EMI-Odeon, (1992).

SANTOS, Acácia A. A. dos. **Desenvolvimento do hábito de leitura e compreensão de textos. Um estudo com adolescentes carentes**. Campinas-SP, (1981).

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, (1996).

SILVA, Anazildo Vasconcelos da. **A Paraliteratura**. IN. PORTELA, Eduardo. (org.). **Teoria Literária**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, (1979).

ANEXO I – QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO PARA NORTEAR A PESQUISA

Escola: _____
Diretor(a): _____
Educador(a): _____
Educando(a): _____ Idade: _____ anos
Ciclo: _____ Turma: _____

1ª) Existe a prática de leitura em sala de aula?

- SIM
 NÃO

2ª) Em quais disciplinas ocorre a maior incidência de leitura?

3ª) De acordo com a resposta da pergunta anterior, marque qual o tipo de texto fornecido para leitura em sua escola?

- Didáticos Poesias Teatro Músicas
 Políticos Jornais Internet
 Revistas Filmes TV Escola
 Livros Produções de Textos de Alunos

4ª) Os textos fornecidos são agradáveis, você senti-se à vontade para comentá-los? Por quê?

5ª) Que tipo de leitura mais lhe agrada? Por quê?

6ª) Sempre que você tem tempo, costuma ler?

7ª) Quanto à televisão que tipo de programa costuma assistir?

8ª) Com que frequência você utiliza a biblioteca de sua escola? E em quais circunstâncias?

9ª) A sua escola promove eventos no campo da leitura? E quantas vezes por ano?

10ª) Sua escola é equipada de:

- Biblioteca.
- Sala de Leitura.
- TV Escola.
- Periódicos.
- Jornais.

11ª) Durante os estudos escolares, além dos livros didáticos, quantos livros vocês lêem por ano, aproximadamente?

12ª) Que meio você mais utiliza para se manter atualizado sobre os acontecimentos do mundo contemporâneo?

- Jornais
- Revistas
- TV
- Rádio
- Internet

13ª) Quantas horas por semana você tem dedicado à leitura, aproximadamente, excetuando-se as horas de aula?

14ª) Que tipo de textos, dentre os abaixo relacionados, tem sido mais utilizado por indicação de seus professores durante as aulas?

- Livros-texto.
- Apostilas e resumos.
- Cópias de trechos ou capítulos dos livros.
- Artigos de periódicos especializados
- Textos repassados no quadro.

Anexo II – LETRAS DAS CANÇÕES

Clarisse

Estou cansado de ser vilipendiado, incompreendido e descartado
 Quem diz que me entende nunca quis saber
 Aquele menino foi internado numa clínica
 Dizem que por falta de atenção dos amigos, das lembranças
 Dos sonhos que se configuram tristes e inertes
 Como uma ampulheta imóvel, não se mexe, não se move, não trabalha
 E Clarice está trancada no banheiro
 E faz marcas no seu corpo com seu pequeno canivete
 Deitada no canto, seus tornozelos sangram
 E a dor é menor do que parece
 Quando ela se corta ela esquece
 Que é impossível ter da vida calma e força
 Viver em dor, o que ninguém entende
 Tentar ser forte a todo e cada amanhecer
 Uma de suas amigas já se foi
 Quando mais uma ocorrência policial
 Ninguém entende, não me olhe assim
 Com este semblante de bom samaritano
 Cumprindo o seu dever, como se fosse doente
 Como se toda essa dor fosse diferente, ou inexistente

Nada existe prá mim, não tente
 Você não sabe e não entende
 E quando os antidepressivos e os calmantes não fazem mais efeito
 Clarice sabe que a loucura está presente
 E sente a essência estranha do que é a morte

Mas esse vazio ela conhece muito bem
 De quando em quando é um novo tratamento
 Mas o mundo continua sempre o mesmo
 O medo de voltar prá casa à noite

Os homens que se esfregam nojentos
 No caminho de ida e volta da escola
 A falta de esperança e o tormento
 De saber que nada é justo e pouco é certo

E que estamos destruindo o futuro
 E que a maldade anda sempre aqui por perto
 A violência e a injustiça que existe
 Contra todas as meninas e mulheres.

Um mundo onde a verdade é o avesso
 E a alegria já não tem mais endereço
 Clarice está trancada em seu quarto
 Com seus discos e seus livros, seu descanso.

Eu sou um pássaro
Me trancam na gaiola
E esperam que eu cante como antes

Me trancam na gaiola
Mas um dia eu consigo existir
E vou voar pelo caminho mais bonito
Clarice só tem 14 anos.

Perfeição

1

Vamos celebrar a estupidez humana
 A estupidez de todas as nações
 O meu país e sua corja de assassinos,
 Covardes, estupradores e ladrões

Vamos celebrar a estupidez do povo
 Nossa polícia e televisão
 Vamos celebrar o nosso governo
 E nosso estado que não é nação

Celebrar a juventude sem escolas
 As crianças mortas
 Celebrar nossa desunião

Vamos celebrar Eros e Thanatus
 Perséphone e Hades
 Vamos celebrar nossa tristeza
 Vamos celebrar nossa vaidade

2

Vamos comemorar como idiotas
 A cada fevereiro e feriado
 Todos os mortos nas estradas
 E os mortos por falta de hospitais

Vamos celebrar nossa justiça
 A ganância e a difamação
 Vamos celebrar os preconceitos
 E o voto dos analfabetos

Comemorar a água podre
 Todos os impostos, queimadas, mentiras e seqüestros
 Nosso castelo de cartas marcadas
 O trabalho escravo e nosso pequeno universo

Toda a hipocrisia e toda a afetação
 Todo o roubo e toda a indiferença
 Vamos celebrar epidemias
 É a festa da torcida campeã.

3

Vamos celebrar a fome
 Não ter a quem ouvir
 Não se ter a quem amar

Vamos alimentar o que é maldade
 Vamos machucar um coração

Vamos celebrar nossa bandeira
Nosso passado de absurdos gloriosos

Tudo o que é gratuito e feio
Tudo o que é normal

Vamos cantar juntos o hino nacional
(A lágrima é verdadeira)
Vamos celebrar nossa saudade
E comemorar a nossa solidão

4

Vamos festejar a inveja
A intolerância e a incompreensão
Vamos festejar a violência
E esquecer a nossa gente
Que trabalhou honestamente a vida inteira
E agora não tem mais direito a nada

Vamos celebrar a aberração
De toda nossa falta de bom senso

Nosso descaso por educação

Vamos celebrar o horror de tudo isso
Com festa, velório e caixão
Está tudo morto e enterrado agora
JÁ aqui também podemos celebrar
A estupidez de quem cantou essa canção

5

Venha, meu coração está com pressa
Quando a esperança está dispersa
Só a verdade me liberta
Chega de maldade e ilusão

Venha, o amor tem sempre a porta aberta
E vem chegando a primavera
Nosso futuro recomeça
Venha, que o que vem é perfeição

Soldados

Nossas meninas estão longe daqui
Não temos com quem chorar e nem pra onde ir
Se lembra quando era só brincadeira
Fingir ser soldado a tarde inteira?
Mas agora a coragem que temos no coração
Parece medo da morte, mas não era então.
Tenho medo de lhe dizer o que eu quero tanto
Tenho medo e eu sei por quê:
Estamos esperando.
Quem é o inimigo?
Quem é você?
Defendemo-nos tanto, tanto sem saber
Porque lutar.

Nossas meninas estão longe daqui
E de repente eu vi você cair
Não sei armar o que eu senti
Não sei dizer que vi você ali.
Quem vai saber o que você sentiu?
Quem vai saber o que você pensou?
Quem vai dizer agora o que eu não fiz?
Como explicar pra você o que eu quis

Somos soldados
Pedindo esmola
E a gente não queria lutar.

Química

Estou trancado em casa e não posso sair
Papai já disse, tenho que passar
Nem música eu não posso mais ouvir
E assim não posso nem me concentrar

Não saco nada de Física
Literatura ou Gramática
Só gosto de Educação Sexual
E eu odeio Química

Não posso nem tentar me divertir
O tempo todo eu tenho que estudar
Fico só pensando se vou conseguir
Passar na porra do vestibular

Não saco nada de Física
Literatura ou Gramática
Só gosto de Educação Sexual
E eu odeio Química

Chegou a nova leva de aprendizes
Chegou a vez do nosso ritual
E se você quiser entrar na tribo
Aqui no nosso Belsen tropical

Ter carro do ano, TV a cores, pagar imposto, ter pistolão
Ter filho na escola, férias na Europa, conta bancária, comprar feijão
Ser responsável, cristão convicto, cidadão modelo, burguês padrão
Você tem que passar no vestibular.

Faroeste Caboclo

Não tinha medo o tal João de Santo Cristo
 Era o que todos diziam quando ele se perdeu
 Deixou pra trás todo o marasmo da fazenda
 Só pra sentir no seu sangue o ódio que Jesus lhe deu

Quando criança só pensava em ser bandido
 Ainda mais quando com tiro de soldado o pai morreu
 Era o terror da cercania onde morava
 E na escola até o professor com ele aprendeu

la pra igreja só pra roubar o dinheiro
 Que as velhinhas colocavam na caixinha do altar
 Sentia mesmo que era mesmo diferente
 Sentia que aquilo ali não era o seu lugar

Ele queria sair para ver o mar
 E as coisas que ele via na televisão
 Juntou dinheiro para poder viajar
 E de escolha própria escolheu a solidão

Comia todas as menininhas da cidade
 De tanto brincar de médico aos doze era professor
 Aos quinze foi mandado pro reformatório
 Onde aumentou seu ódio diante de tanto terror

Não entendia como a vida funcionava
 Discriminação por causa da sua classe e sua cor
 Ficou cansado de tentar achar resposta
 E comprou uma passagem foi direto a Salvador

E lá chegando foi tomar um cafezinho
 E encontrou um boiadeiro com quem foi falar
 E o boiadeiro tinha uma passagem
 la perder a viagem, mas João foi lhe salvar:

Dizia ele "-Estou indo pra Brasília
 Nesse país lugar melhor não há
 Tô precisando visitar a minha filha
 Eu fico aqui e você vai no meu lugar"

E João aceitou sua proposta
 E num ônibus entrou no Planalto Central
 Ele ficou bestificado com a cidade
 Saindo da rodoviária viu as luzes de natal

"- Meu Deus mas que cidade linda!
 No Ano Novo eu começo a trabalhar"

Cortar madeira aprendiz de carpinteiro
Ganhava cem mil pro mês em Taguatinga
Na sexta feira foi pra zona da cidade
Gastar todo o seu dinheiro de rapaz trabalhador
E conhecia muita gente interessante
Até um neto bastardo do seu bisavô

Um peruano que vivia na Bolívia
E muitas coisas trazia de lá
Seu nome era Pablo e ele dizia
Que um negócio ele ia começar

E Santo Cristo até a morte trabalhava
Mas o dinheiro não dava pra ele se alimentar
E ouvia às sete horas o noticiário
Que dizia sempre que seu ministro ia ajudar

Mas ele não queria mais conversa
E decidiu que como Pablo ele ia se virar
Elaborou mais uma vez seu plano santo
E sem ser crucificado a plantação foi começar

Logo, logo os maluco da cidade
Souberam da novidade
"-Tem bagulho bom ai!"
E João de Santo Cristo ficou rico
E acabou com todos os traficantes dali

Fez amigos, frequentava a Asa Norte
la pra festa de Rock pra se libertar
Mas de repente
Sob um má influência dos boyzinhos da cidade
Começou a roubar

Já no primeiro roubo ele dançou
E pro inferno ele foi pela primeira vez
Violência e estupro do seu corpo
"-Vocês vão ver, eu vou pegar vocês!"

Agora Santo Cristo era bandido
Destemido e temido no Distrito Federal
Não tinha nenhum medo de polícia
Capitão ou traficante, playboy ou general

Foi quando conheceu uma menina
E de todos os seus pecados ele se arrependeu
Maria Lúcia era uma menina linda
E o coração dele pra ela o Santo Cristo prometeu

Ele dizia que queria se casar
 E carpinteiro ele voltou a ser
 "-Maria Lúcia eu pra sempre vou te amar
 E um filho com você eu quero ter"
 O tempo passa
 E um dia vem na porta um senhor de alta classe com dinheiro na mão
 E ele faz uma proposta indecorosa
 E diz que espera uma resposta, uma resposta de João

"-Não boto bomba em banca de jornal
 E nem em colégio de criança
 Isso eu não faço não

E não protejo general de dez estrelas
 Que fica atrás da mesa com o cu na mão

E é melhor o senhor sair da minha casa
 Nunca brinque com um peixe de ascendente escorpião"

Mas antes de sair, com ódio no olhar
 O velho disse:

"-Você perdeu a sua vida, meu irmão!"

"-Você perdeu a sua vida, meu irmão"

"-Você perdeu a sua vida, meu irmão"

Essas palavras vão entrar no coração

"-Eu vou sofrer as conseqüências como um cão."

Não é que o Santo Cristo estava certo
 Seu futuro era incerto
 E ele não foi trabalhar
 Se embebedou e no meio da bebedeira
 Descobriu que tinha outro trabalhando em seu lugar

Falou com Pablo que queria um parceiro
 Que também tinha dinheiro e queria se armar
 Pablo trazia o contrabando da Bolívia
 E Santo Cristo revendia em Planaltina

Mas acontece que um tal de Jeremias
 Traficante de renome apareceu por lá
 Ficou sabendo dos planos de Santo Cristo
 E decidiu que com João ele ia acabar.

Mas Pablo trouxe uma Winchester 22
 E Santo Cristo já sabia atirar
 E decidiu usar a arma só depois
 Que Jeremias começasse a brigar

Jeremias maconheiro sem vergonha
 Organizou a Roconha e fez todo mundo dançar
 Desvirginava mocinhas inocentes
 E dizia que era crente, mas não sabia rezar

E Santo Cristo há muito não ia pra casa
 E a saudade começou a apertar
 "-Eu vou me embora, eu vou ver Maria Lúcia
 Já está em tempo de a gente se casar"

Chegando em casa então ele chorou
 E pro inferno ele foi pela segunda vez
 Com Maria Lúcia Jeremias se casou
 E um filho nela ele fez

Santo Cristo era só ódio pro dentro
 E então o Jeremias pra um duelo ele chamou
 "-Amanhã, as duas horas na Ceilândia
 Em frente ao lote catorze é pra lá que eu vou

E você pode escolher as suas armas
 Que eu acabo com você, seu porco traidor
 E mato também Maria Lúcia
 Aquela menina falsa pra que jurei o meu amor"

E Santo Cristo não sabia o que fazer
 Quando viu o repórter da televisão
 Que a notícia do duelo na TV
 Dizendo a hora o local e a razão

No sábado, então as duas horas
 Todo o povo sem demora
 Foi lá só pra assistir

Um homem que atirava pelas costas
 E acertou o Santo Cristo
 E começou a sorrir

Sentindo o sangue na garganta
 João olhou as bandeirinhas
 E o povo a aplaudir
 E olhou pro sorveteiro
 E pras câmeras e a gente da TV que filmava tudo ali

E se lembrou de quando era uma criança
 E de tudo o que viveu até aqui
 E decidiu entrar de vez naquela dança
 "-Se a via-crucis virou circo, estou aqui."

E nisso o sol cegou seus olhos
E então Maria Lúcia ele reconheceu
Ela trazia a Winchester 22
A arma que seu primo Pablo lhe deu

"-Jeremias, eu sou homem. Coisa que você não é
Eu não atiro pelas costas, não.
Olha pra cá filha da puta sem vergonha
Dá uma olhada no meu sangue
E vem sentir o teu perdão"

E Santo Cristo com a Winchester 22
Deu cinco tiros no bandido traidor
Maria Lúcia se arrependeu depois
E morreu junto com João, seu protetor

O povo declarava que João de Santo Cristo
Era santo porque sabia morrer
E a alta burguesia da cidade não acreditava na história
Que ele viram da TV

E João não conseguiu o que queria
Quando veio pra Brasília com o diabo ter
Ele queria era falar com o presidente
Pra ajudar toda essa gente que só faz

Sofrer!